



Indicadores do agronegócio do RS: exportações e emprego formal no segundo trimestre de 2025

O Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG) atualiza as estatísticas de exportações e de emprego formal celetista do agronegócio do Rio Grande do Sul e do Brasil. Os dados brutos¹ têm como fonte o Sistema Comex Stat e o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged).

A produção das estatísticas é inspirada no conceito do agronegócio, atribuído a Davis e Goldberg (1957), que, além da agropecuária, abrange a produção de insumos e de bens de capital, a indústria de transformação de matérias-primas agropecuárias e as atividades especializadas na oferta de serviços e em armazenagem, distribuição e comércio atacadista dos produtos do agronegócio. Em seguida, são apresentados os principais resultados do Rio Grande do Sul, referentes ao segundo trimestre e ao primeiro semestre de 2025, comparativamente a igual período do ano anterior.

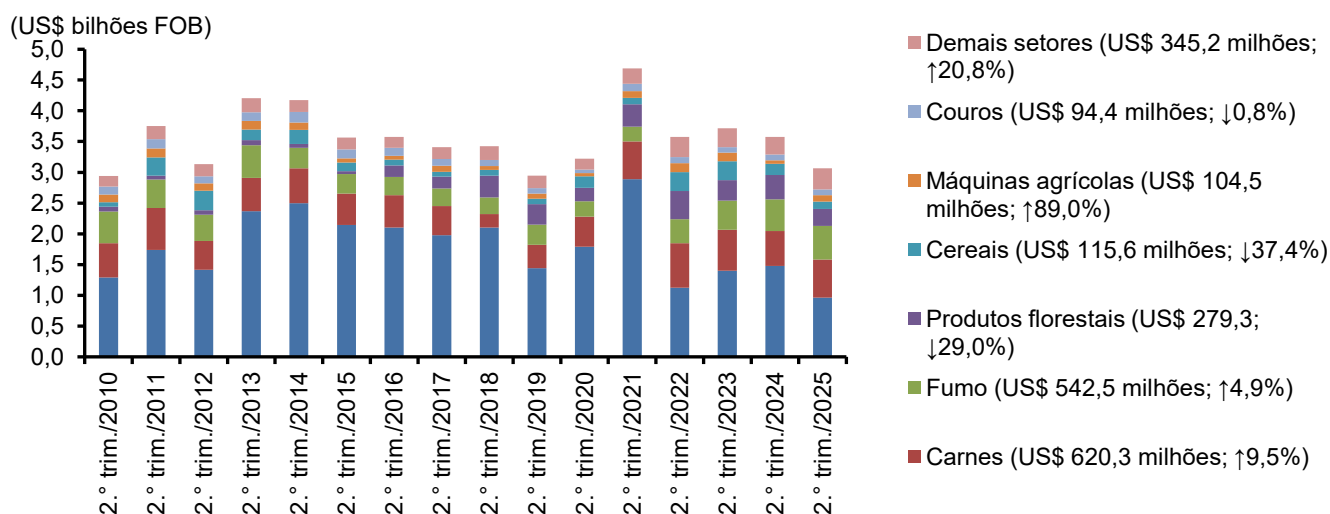
1 Exportações do agronegócio

1.1 Exportações no segundo trimestre de 2025

As exportações do agronegócio gaúcho totalizaram US\$ 3,1 bilhões no segundo trimestre de 2025, o que corresponde a 66,7% das exportações totais do Rio Grande do Sul. Comparativamente ao mesmo período do ano anterior, o valor exportado pelo agronegócio gaúcho apresentou queda de 14,3%, enquanto as exportações totais do estado caíram 6,2%. Em termos absolutos, a queda do valor exportado pelo agronegócio foi de US\$ 509,5 milhões.

Gráfico 1

Exportações totais e dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2.º trim. 2010-25



Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025a).

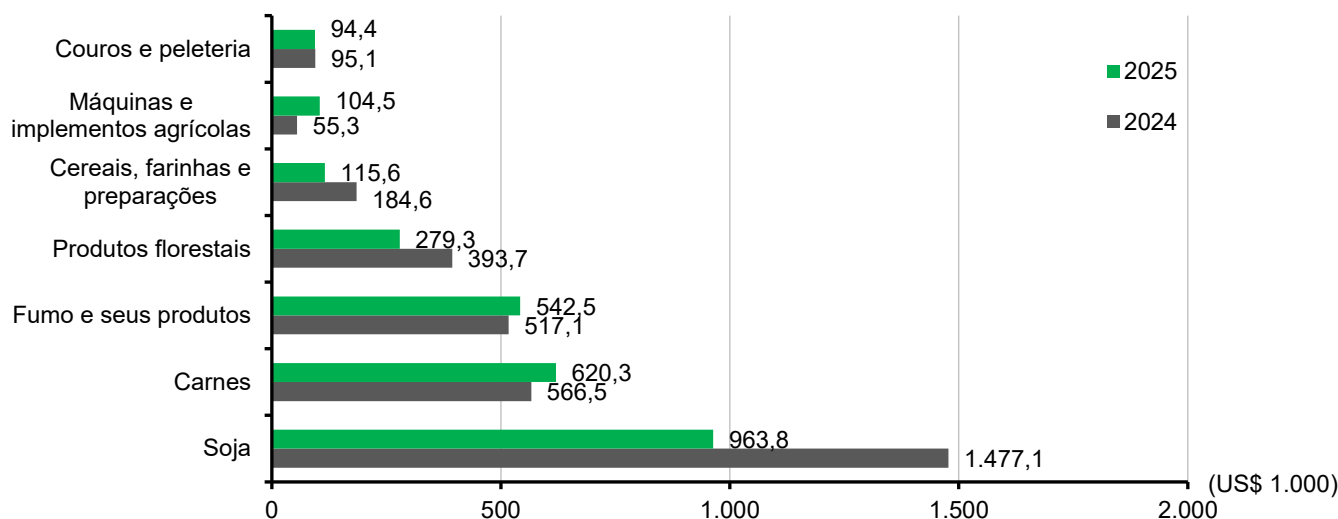
¹ Os dados estão sujeitos à atualização. No Comex Stat, a extração das estatísticas das exportações compreende os dados divulgados em 04.07.2025; no Novo Caged, a extração das estatísticas do emprego formal inclui os dados disponibilizados em 05.08.2025.



Os cinco principais setores exportadores do agronegócio no segundo trimestre de 2025 foram: complexo soja (US\$ 963,8 milhões), carnes (US\$ 620,3 milhões), fumo e seus produtos (US\$ 542,5 milhões), produtos florestais (US\$ 279,3 milhões) e cereais, farinhas e preparações (US\$ 115,6 milhões). O resultado negativo do trimestre foi determinado pelas quedas nas exportações do complexo soja (menos US\$ 513,2 milhões; -34,7%), dos produtos florestais (menos US\$ 114,4 milhões; -29,0%) e dos cereais, farinhas e preparações (menos US\$ 69,0 milhões; -37,4%). Contrariando o resultado geral negativo, as carnes (mais US\$ 53,9 milhões, 9,5%) e as máquinas e implementos agrícolas (mais US\$ 49,2 milhões, 89,0%) apresentaram os maiores crescimentos absolutos no trimestre.

Gráfico 2

Principais setores exportadores do agronegócio no Rio Grande do Sul — 2.º trim./2024 e 2.º trim./2025



Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025a).

No segundo trimestre de 2025, a queda nas exportações do complexo soja deveu-se, principalmente, à retração no valor exportado da soja em grão (menos US\$ 439,7 milhões; -43,7%). Em menor medida, o farelo de soja (menos US\$ 68,6 milhões; -18,3%) e o óleo de soja (menos US\$ 5,0 milhões; -5,1%) também contribuíram para esse recuo. Esse resultado está diretamente ligado à menor safra colhida no estado em 2025, que diminuiu 25,2% ante o ano anterior devido à estiagem (IBGE, 2025a). A redução da produção limitou a oferta de soja em grão e, por consequência, impactou também a disponibilidade de insumos para o processamento industrial, restringindo também o volume exportado de farelo e óleo.

Nos produtos florestais, a redução mais intensa ocorreu nas exportações da celulose (menos US\$ 104,3 milhões; -34,4%). Já no setor dos cereais, as quedas nas exportações do arroz (menos US\$ 28,8 milhões; -25,4%) e do trigo (menos US\$ 27,7 milhões; -54,5%) foram determinantes para a *performance* negativa do setor.

Em sentido oposto, as carnes suína (mais US\$ 59,6 milhões; 40,9%) e bovina (mais US\$ 36,8 milhões; 58,7%) garantiram o crescimento nas exportações do setor das carnes, apesar da queda na carne de frango (menos US\$ 41,8 milhões; -12,8%), principal produto do setor. Já no setor de máquinas e implementos agrícolas, todos os produtos apresentaram crescimento, com destaque para os tratores

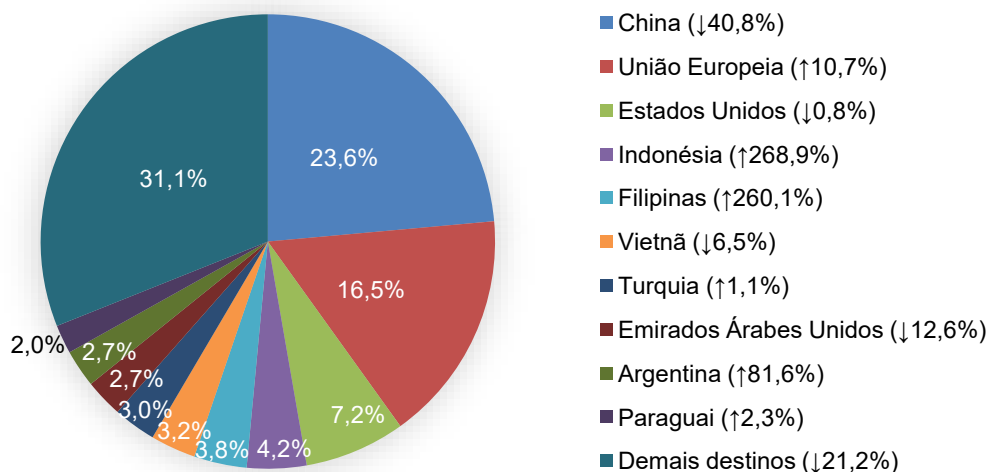


agrícolas (mais US\$ 28,2 milhões; 97,9%) e os pulverizadores (mais US\$ 14,3 milhões; 160,0%). O crescimento das exportações nesses segmentos é particularmente relevante, considerando os desafios recentes enfrentados por essas cadeias produtivas. Nas carnes, apesar do caso de influenza aviária descoberto em maio e dos vários embargos aos quais o estado foi submetido, o setor conseguiu ofertar outras proteínas no mercado internacional, que permitiram compensar a queda — que era esperada e que, de fato, ocorreu — na carne de frango. Nas máquinas agrícolas — setor que, há cinco trimestres, apresentava queda no valor exportado —, ocorreu o primeiro crescimento trimestral (em relação ao mesmo período do ano anterior) desde o terceiro trimestre de 2023.

No que se refere aos destinos das exportações do agronegócio gaúcho no segundo trimestre de 2025, os destaques foram: China (23,6%), União Europeia (16,5%), Estados Unidos (7,2%), Indonésia (4,2%) e Filipinas (3,8%). Esses cinco destinos concentraram 55,2% do valor exportado no trimestre. Entre eles, a China foi responsável pela maior redução absoluta no valor das exportações gaúchas do agronegócio (menos US\$ 498,3 milhões; -40,8%). Na sequência, destacaram-se a Coreia do Sul (menos US\$ 72,9 milhões; -55,2%) e o Irã (menos US\$ 66,8 milhões; -59,6%). Para a China, a soja em grão foi o principal produto que explica a queda no trimestre, mas também ocorreram retrações na carne suína, na celulose e na carne de frango. Para a Coreia do Sul e o Irã, as quedas são explicadas, sobretudo, pela redução nos embarques de farelo de soja. Por outro lado, a Indonésia e as Filipinas apresentaram as maiores elevações absolutas nas exportações. O crescimento verificado para a Indonésia concentrou-se no farelo de soja, enquanto, para as Filipinas, a elevação nas vendas externas deveu-se à carne suína.

Gráfico 3

Principais destinos das exportações no agronegócio do Rio Grande do Sul — 2.º trim./2025



Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025a).

Nota: Os percentuais no gráfico correspondem à parcela do valor exportado no segundo trimestre de 2025, em dólares. Entre parênteses, os percentuais correspondem à variação do valor no segundo trimestre de 2025, comparativamente a 2024.

1.2 Exportações no primeiro semestre de 2025

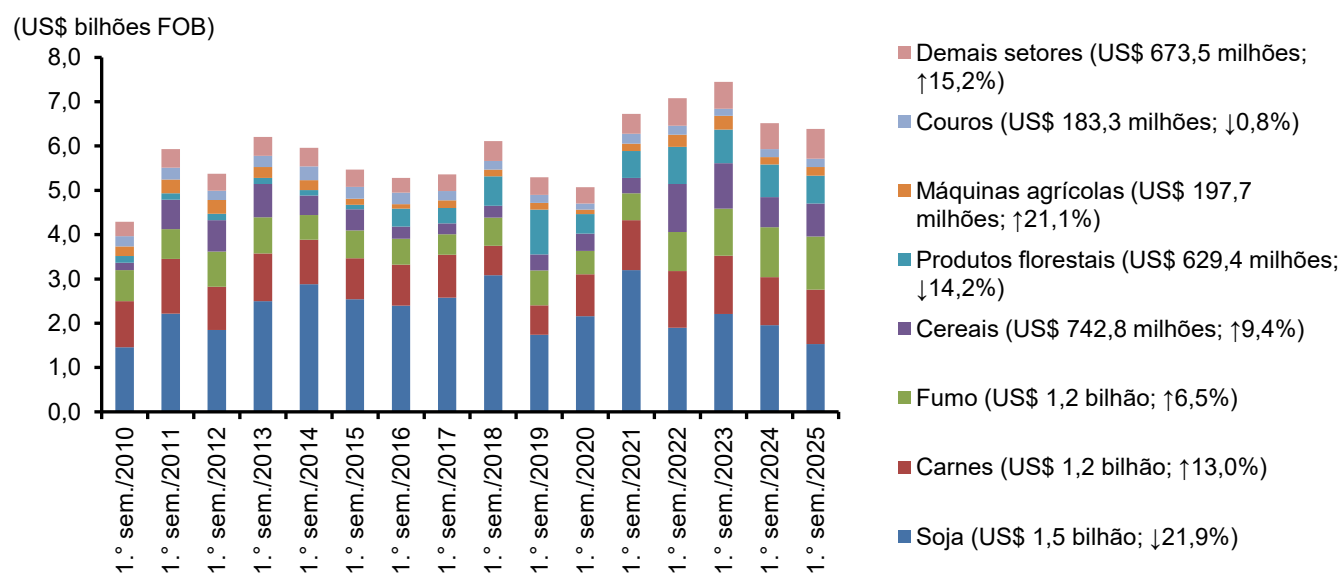
As exportações do agronegócio gaúcho no primeiro semestre de 2025 totalizaram US\$ 6,4 bilhões, o que correspondeu a 68,4% das exportações totais do Rio Grande do Sul no período. Comparativamente ao mesmo período do ano anterior, a queda no valor foi de 2,0%, já as exportações totais do estado



apresentaram uma elevação de 2,3%. Em termos absolutos, a redução do valor exportado pelo agronegócio foi de US\$ 131,6 milhões.

Gráfico 4

Exportações totais e dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º semestre 2010-25



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025a).

Os cinco principais setores exportadores do agronegócio gaúcho no primeiro semestre de 2025 foram: complexo soja (US\$ 1,5 bilhão), carnes (US\$ 1,2 bilhão), fumo e seus produtos (US\$ 1,2 bilhão), cereais, farinhas e preparações (US\$ 742,8 milhões) e produtos florestais (US\$ 629,4 milhões). O resultado negativo no primeiro semestre foi determinado pela redução nas vendas do complexo soja (menos US\$ 427,4 milhões; -21,9%) e dos produtos florestais (menos US\$ 104,3 milhões; -14,2%). No complexo soja, a queda deveu-se a reduções nas vendas externas da soja em grão (menos US\$ 335,2 milhões; -29,3%) e do farelo de soja (menos US\$ 103,2 milhões; -15,2%). Como referido anteriormente, o recuo na produção dessa oleaginosa no estado, em função da estiagem deste ano, foi determinante para o fraco desempenho do complexo soja. Já nos produtos florestais, as quedas na celulose (menos US\$ 62,8 milhões; -11,9%) e nas madeiras em bruto e manufaturas de madeira (menos US\$ 44,0 milhões; -23,2%) foram determinantes para o desempenho negativo do setor.

No sentido oposto ao movimento geral de queda, carnes (mais US\$ 141,5 milhões; 13,0%), fumo e seus produtos (mais US\$ 73,4 milhões; 6,5%) e cereais, farinhas e preparações (mais US\$ 63,7 milhões; 9,4%) apresentaram os maiores crescimentos absolutos. No setor de carnes, a *performance* positiva foi determinada pelas vendas externas das carnes suína e bovina. O fumo não manufaturado foi o destaque para o setor do fumo e seus produtos; e o milho, para o setor de cereais, farinhas e preparações.

No que se refere aos destinos das exportações do agronegócio gaúcho no primeiro semestre de 2025, os destaques foram: China (21,6%), União Europeia (13,2%), Estados Unidos (6,7%), Vietnã (5,7%), Indonésia (4,6%) e Arábia Saudita (3,1%). Esses seis destinos concentraram 55,0% do valor exportado no semestre. A China foi responsável pela maior queda absoluta no valor das exportações gaúchas do agronegócio, no acumulado de janeiro a junho (menos US\$ 472,9 milhões; -25,5%). Na sequência, destacaram-se Coreia do Sul (menos US\$ 82,3 milhões; -31,7%), Irã (menos US\$ -76,0 milhões; -45,1%) e União Europeia (menos US\$ 60,6 milhões; -6,7%).



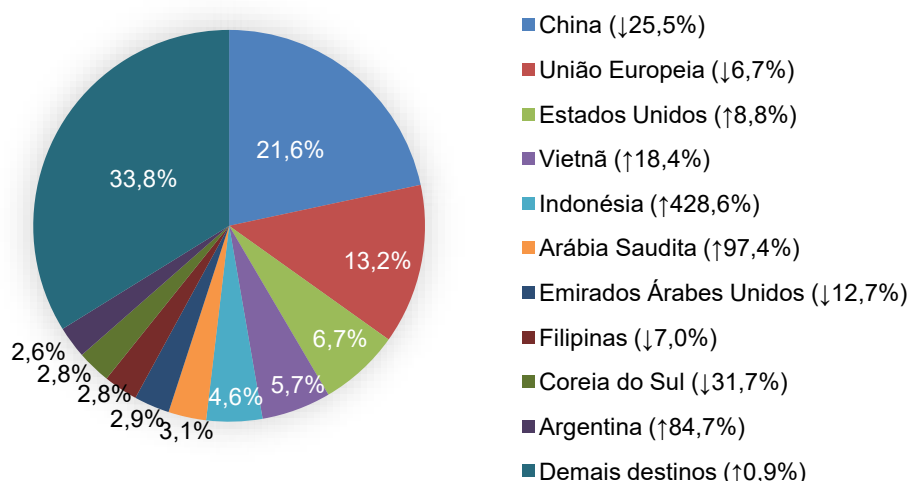
A soja em grão, a carne suína e a carne de frango foram os produtos com os piores desempenhos nas vendas para a China. No acumulado do primeiro semestre, em comparação ao mesmo período do ano anterior, essa foi a terceira maior retração nominal no valor das exportações do agronegócio gaúcho para a China, superada apenas pelas quedas de 2022 e 2019. Em 2025, assim como em 2022, a estiagem e a consequente menor disponibilidade de soja em grão para exportação foram determinantes para o desempenho negativo das vendas ao mercado chinês. Já em 2019, a retração foi influenciada pela normalização do comércio global após o fim das condições atípicas de 2018, marcadas pela guerra tarifária entre China e Estados Unidos, e pela maior oferta mundial de soja em 2019, somadas à redução da demanda chinesa decorrente da Peste Suína Africana, que afetou o rebanho do país e diminuiu a necessidade de farelo de soja para ração animal.

A Coreia do Sul foi o segundo destino com maior queda absoluta nas exportações do agronegócio gaúcho no período, com retração concentrada no farelo de soja e no fumo não manufaturado. Já o Irã ocupou a terceira posição, sendo o farelo de soja o principal responsável pelo recuo nas vendas ao país no acumulado do ano.

Por outro lado, Indonésia (mais US\$ 239,0 milhões; 428,6%), Arábia Saudita (mais US\$ 98,5 milhões; 97,4%) e Argentina (mais US\$ 77,1 milhões; 84,7%) apresentaram as maiores elevações absolutas nas exportações do agronegócio gaúcho do primeiro semestre de 2025. Entre esses destinos, o farelo de soja foi o produto com melhor desempenho para a Indonésia, os cereais (trigo e milho) para a Arábia Saudita, e as máquinas agrícolas para a Argentina.

Gráfico 5

Principais destinos das exportações no agronegócio do
Rio Grande do Sul — 1.º semestre de 2025



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025a).

Nota: Os percentuais no gráfico correspondem à parcela do valor exportado no primeiro semestre de 2025, em dólares. Entre parênteses, os percentuais correspondem à variação do valor do primeiro semestre de 2025, comparativamente a 2024.

1.3 Exportações do agronegócio gaúcho e contexto tarifário nos EUA

No primeiro semestre de 2025, contrariando o movimento geral de queda, o valor exportado para os Estados Unidos apresentou o sexto maior crescimento absoluto entre os destinos das vendas externas



do agronegócio gaúcho, totalizando US\$ 426,6 milhões — equivalente a 6,7% do total do agronegócio. Comparativamente ao primeiro semestre de 2024, o valor exportado para os EUA cresceu 8,8%, enquanto as exportações totais do setor apresentaram queda de 2% (**Tabela A.3**). Em termos nominais, o montante exportado para o país norte-americano no período é o maior da série histórica iniciada em 1997. Nesse semestre, os principais setores exportadores do agronegócio para os EUA são os de produtos florestais, fumo e seus produtos, carnes, couros e peleteria, máquinas e implementos agrícolas e gorduras e óleos de origem animais.

Recentemente, entre abril e agosto de 2025, houve uma sequência de medidas tarifárias do governo dos Estados Unidos. Em abril, foi aplicada a todos os parceiros comerciais dos EUA uma tarifa global mínima de 10%, que pode chegar a percentuais em torno de 50% em alguns casos. Em agosto, foi acrescentada uma sobretaxa de 40% direcionada especificamente ao Brasil, de modo que as exportações brasileiras para os EUA passaram a ter uma alíquota efetiva de 50% quando não há exceção. Do total de 6.617 produtos do Sistema Harmonizado (SH6)², 379³ foram incluídos em uma lista de exceções à tarifa adicional de 40%, dos quais 26 são do agronegócio. Essas isenções concentram-se sobretudo em quatro frentes setoriais⁴: insumos agrícolas (adubos e fertilizantes), produção primária (cocos, nozes, castanhas e sisal), cadeias agroindustriais de alimentos e bebidas (conservas de frutas e sucos de laranja) e indústria de produtos florestais (madeira em bruto, manufaturas de madeira e celulose). Entre as exceções, a celulose é o único conjunto com isenção integral e relevância nas importações norte-americanas do agronegócio gaúcho, respondendo por 13,3% da celulose exportada pelo Rio Grande do Sul e 1% do valor exportado pelo agronegócio. Dessa forma, pode-se dizer que, aproximadamente, 1% do valor exportado por todo o agronegócio gaúcho ficou isento da sobretaxa, ao passo que 5,7% estão expostos ao percentual extra de 40% aplicado em agosto. Por outra ótica de análise, do total exportado para os EUA, em, aproximadamente, 85,5% há a incidência da sobretaxa.

Entre os produtos não isentos exportados pelo agronegócio gaúcho para os EUA no primeiro semestre de 2025, que enfrentam a alíquota total de 50%, os de maior relevância foram fumo não manufaturado (US\$ 118,3 milhões), madeiras em bruto e manufaturas de madeira (US\$ 63,5 milhões), carne bovina (US\$ 51,7 milhões), couros e peles (US\$ 17,1 milhões) e sebo bovino (US\$ 16,5 milhões). Somados, esses cinco conjuntos representaram 4,2% (US\$ 267,1 milhões) do valor total exportado pelo agronegócio gaúcho no primeiro semestre de 2025, mas responderam por 62,6% das exportações do agronegócio para os EUA. Ou seja, embora, aparentemente, esses itens tenham peso relativamente pequeno nas exportações totais do agronegócio, eles concentram parte significativa da pauta exportadora destinada ao mercado norte-americano.

² O Sistema Harmonizado norte-americano — Harmonized Tariff Schedule (HTS) — é estruturado em oito dígitos, assim como a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) utilizada pelo Brasil. No entanto, as classificações de oito dígitos não são perfeitamente compatíveis entre os dois sistemas, o que inviabiliza uma correspondência direta para fins de análise bilateral. Diante disso, optou-se por utilizar a desagregação em seis dígitos, que corresponde à padronização internacional do Sistema Harmonizado, permitindo a comparabilidade entre os dados de exportação do Brasil e de importação dos EUA, por exemplo. Essa adaptação garante maior consistência metodológica, mas implica perda de detalhamento em relação às categorias específicas de oito dígitos, podendo limitar a precisão em setores cuja diferenciação tarifária ocorra apenas nesse nível de desagregação.

³ A lista de produtos isentos da tarifa adicional apresentada pela Casa Branca de acordo com o HTS consta de 694 itens. Quando essa listagem é adaptada para o Sistema Harmonizado (SH6), ela se reduz, efetivamente, para 379 itens, sendo que dois se referem a bens originários dos EUA que foram exportados para o exterior apenas para reparo ou alteração ou a peças sobressalentes que foram instaladas no exterior antes da primeira entrada do bem nos EUA. Dessa forma, a listagem, efetivamente, apresenta 377 produtos pelo Sistema Harmonizado brasileiro.

⁴ Cabe destacar que tais isenções são restritas a códigos tarifários específicos e não abrangem a totalidade dos produtos desses setores, com exceção da celulose, que foi integralmente contemplada pelas isenções.



No que se refere ao desempenho no semestre, a expansão em termos absolutos para os EUA foi concentrada em poucos itens. A carne bovina respondeu por US\$ 33,1 milhões do aumento das vendas aos EUA, praticamente explicando o crescimento líquido observado no período para esse destino, que foi de US\$ 34,4 milhões. Em seguida, aparecem incrementos em madeiras e manufaturas de madeira (mais US\$ 8,9 milhões; 16,4%), outros produtos de origem animal (mais US\$ 5,4 milhões; 66,5%) e outras gorduras e óleos de origem animal (mais US\$ 3,48 milhões; 139,2%).

Embora menos relevantes, os crescimentos em couros e peles e na peleteria revelam um padrão nos dados que indica que, além do montante exportado, o avanço recente para os EUA é fortemente concentrado na cadeia pecuária, apesar da queda observada no sebo bovino. Outro ponto que se destaca nesse setor é a sua elevada dependência das vendas externas direcionadas ao mercado norte-americano, como verificado para o sebo bovino (95,8% do total exportado é para os EUA), os outros produtos de origem animal (82,3%), as demais gorduras e óleos de origem animal (73,2%), a peleteria (51,8%), a carne bovina (29,6%) e couros e peles (10,1%) (**Tabela A.3**).

No caso específico da carne bovina, dados do Sistema de Inteligência Gerencial do Comércio Exterior do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Brasil, 2025c) mostram que o Rio Grande do Sul possui, atualmente, cinco frigoríficos habilitados para exportar para os EUA — quatro deles são ligados a grandes grupos empresariais e um é de propriedade regional. Em termos de ajuste ao choque tarifário, grandes grupos com rede internacional têm maior capacidade de mitigar impactos por realocação produtiva entre plantas e mercados, enquanto os frigoríficos regionais são os mais vulneráveis.

Embora alguns setores possam mitigar danos ao realocar a produção entre plantas e diversificar ou abrir novos mercados, o ponto central de atenção, atualmente, está nos efeitos dentro das propriedades rurais, que são a origem de muitas matérias-primas utilizadas nos elos subsequentes das cadeias agroindustriais e de serviços associados. Um desestímulo na base rural é transmitido ao longo de toda a cadeia, reduzindo emprego, demanda por insumos e investimentos.

Dessa forma, no longo prazo, o principal efeito das tarifas sobre a produção agropecuária será a perda de previsibilidade no comércio internacional. Em uma conjuntura de grande incerteza, em um setor que já enfrenta múltiplos riscos, incluindo o risco climático, produtores e exportadores terão mais dificuldade para planejar safras, contratos e investimentos, pois mudanças repentinas nas regras comerciais ampliam a exposição ao risco. Com esse aumento de risco, que pode materializar-se em custos por meio de mecanismos de gestão (seguros, provisões e operações de *hedge*), o setor tende a operar com margens de lucro mais apertadas. Dependendo do comportamento dos preços internacionais, essa compressão de margens pode evoluir para um desestímulo à produção. É importante notar que essa dinâmica varia de acordo com a parcela da produção de cada setor destinada à exportação. Quanto maior for a dependência do mercado externo, maior será a exposição às tarifas e mais pronunciados tendem a ser os efeitos sobre receitas, margens e decisões de produção.

O impacto, porém, não será uniforme entre as cadeias. Nos produtos de origem vegetal, a produção é mais rígida no curto prazo, pois as decisões de plantio são tomadas com bastante antecedência. Por isso, a reação tende a ser mais gradual. Já na produção animal, o ajuste é mais rápido. Custos mais altos ou preços menos atrativos podem levar rapidamente à redução do plantel e, portanto, a uma queda mais rápida da oferta. Em resumo, as tarifas aumentam a incerteza, comprimem margens e, no longo prazo, podem frear o crescimento do setor agropecuário, com impactos mais imediatos para a pecuária e mais graduais para a agricultura. Essa vulnerabilidade é ainda maior nesse setor porque a produção



animal e a agroindústria associada possuem maior dependência do mercado norte-americano, o que as torna especialmente vulneráveis a mudanças nas regras do comércio internacional.

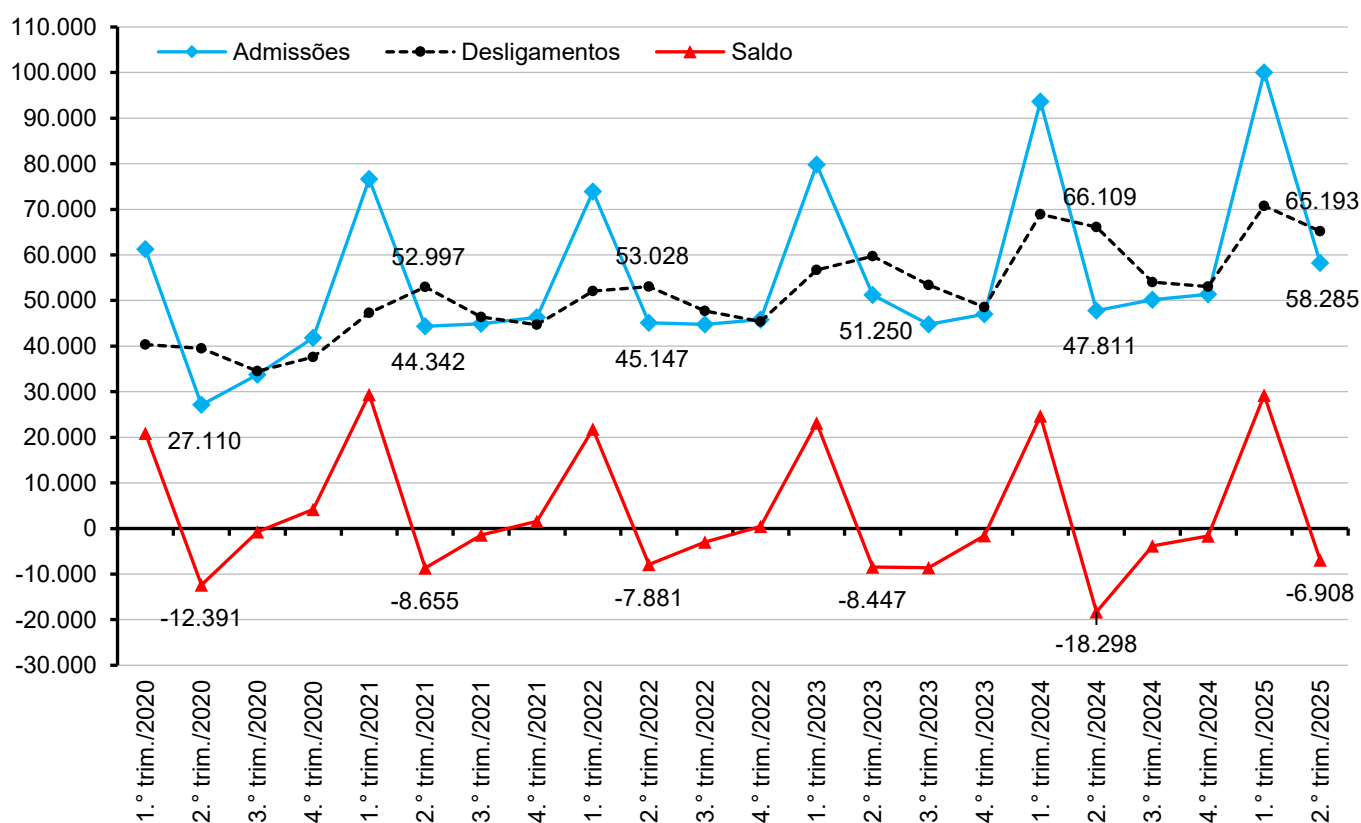
2 Emprego formal no agronegócio⁵

2.1 Emprego formal no segundo trimestre de 2025

No segundo trimestre de 2025, foi registrado saldo negativo de empregos formais no agronegócio do Rio Grande do Sul. O número de desligamentos (65.193) superou o de admissões (58.285), resultando na perda de 6.908 postos de trabalho com carteira assinada. Em 2024, no mesmo período, o saldo também foi negativo, em 18.298 empregos.

Gráfico 6

Evolução do emprego formal celetista (admissões, desligamentos e saldo) do agronegócio no Rio Grande do Sul — 1.º trim./2020-2.º trim./2025



Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).

⁵ Para a análise das informações do emprego formal, cabe ressaltar que, a partir de janeiro de 2020, a captação de dados do Caged passou a ocorrer por meio do Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial), dando origem ao que se convencionou chamar de “estatísticas do Novo Caged”. As diferenças metodológicas entre as estatísticas do Caged e as do eSocial podem afetar a comparabilidade das séries históricas. Ademais, essas estatísticas estão sujeitas a ajustes significativos ao longo do tempo, em razão, principalmente, de as empresas reportarem fora do prazo parte das admissões e dos desligamentos de trabalhadores. Para maiores informações sobre as diferenças metodológicas entre as estatísticas do Caged e do Novo Caged, ver Brasil (2021).



O desempenho no segundo trimestre refletiu o movimento sazonal de desmobilização de mão de obra no agronegócio, que tipicamente se intensifica a partir de abril. Com o encerramento da colheita da safra de verão e a consequente redução da demanda por trabalho nas atividades agropecuárias e agroindustriais relacionadas, o agronegócio gaúcho registra, historicamente, saldos negativos de emprego formal nesse período.

Mesmo diante desse comportamento sazonal recorrente, o segundo trimestre de 2025 apresentou o melhor desempenho para esse intervalo da série histórica iniciada em 2020. O saldo negativo foi de 6.908 postos de trabalho com carteira assinada, número significativamente inferior ao saldo registrado no mesmo trimestre de 2024, quando a redução foi de 18.298 postos formais de trabalho. Esse resultado reflete, em parte, um comportamento mais favorável tanto nas admissões quanto nos desligamentos.

As admissões no segundo trimestre de 2025 somaram 58.285, contra 47.811 no mesmo período de 2024 — uma diferença de mais de 10 mil vínculos. Esse aumento concentrou-se especialmente nos meses de maio e junho, quando o ritmo de contratações foi significativamente superior ao observado em 2024. Os desligamentos, por sua vez, também apresentaram redução: foram 65.193 em 2025, ante 66.109 em 2024. O mês de junho de 2025, em particular, apresentou uma queda expressiva nas demissões, comparativamente ao ano anterior, o que contribuiu para mitigar o saldo negativo no trimestre.

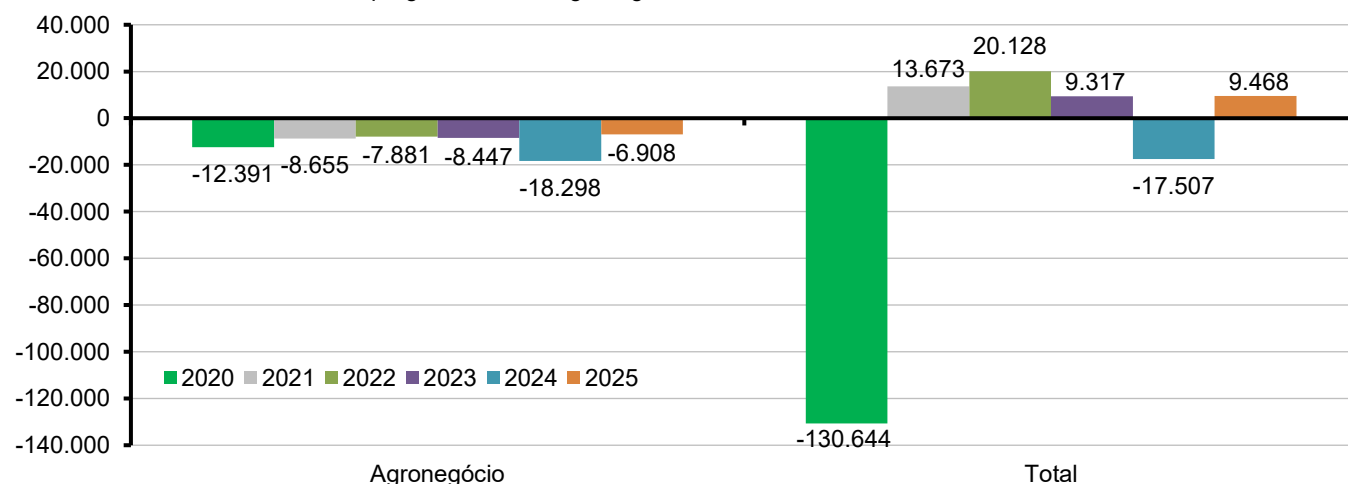
Cabe destacar que os dados de 2024 foram fortemente influenciados pelas enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul em maio. As inundações interromperam atividades agroindustriais, afetaram fluxos logísticos e causaram a paralisação de muitas unidades produtivas, contribuindo para o aumento dos desligamentos e para a queda das admissões naquele período.

Em 2025, por outro lado, embora o estado enfrente os efeitos de uma estiagem que resultou em uma safra menor de soja, as perdas foram mais concentradas no volume colhido, e não em gargalos da estrutura produtiva, como foi no período das enchentes de 2024. Isso permitiu a continuidade das operações agroindustriais em 2025 e pode ter favorecido uma dinâmica mais estável no mercado de trabalho formal.

Para a economia gaúcha como um todo, ao contrário do que ocorreu no agronegócio, houve crescimento no número de postos formais de trabalho no segundo trimestre. Entre abril e junho de 2025, o saldo de empregos formais no Rio Grande do Sul foi de 9.468 postos de trabalho. No mesmo período de 2024, o saldo de postos gerados foi negativo (-17.507 empregos).

Gráfico 7

Saldo de empregos total e no agronegócio do Rio Grande do Sul — 2.º trim. 2020-25





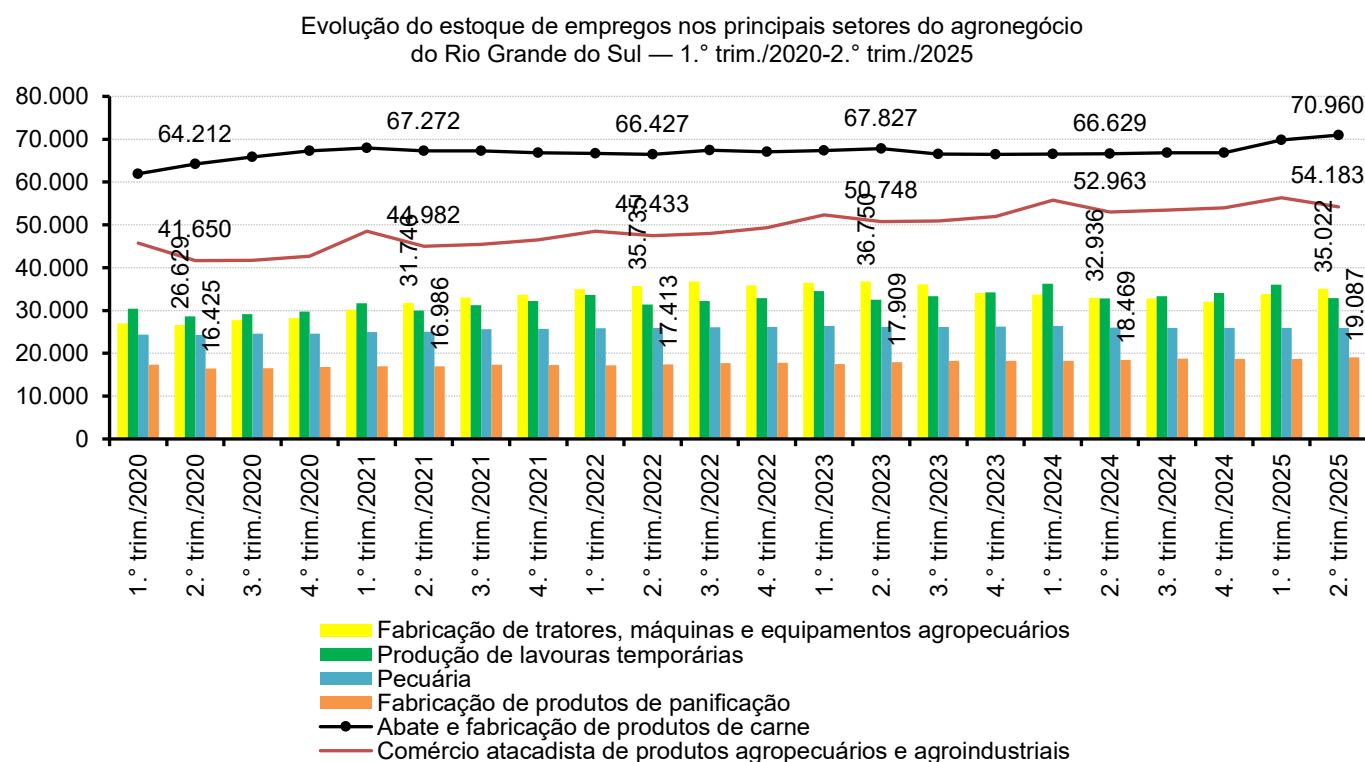
Entre os três segmentos do agronegócio gaúcho, o “**antes da porteira**”, constituído por setores dedicados ao fornecimento de insumos, máquinas e equipamentos para a agropecuária, foi o único que registrou saldo positivo de postos de trabalho (1.439). Nesse segmento, o setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários teve o maior saldo positivo do segmento (1.130), dando continuidade à recuperação iniciada no primeiro trimestre de 2025, após um período de retração que teve início no segundo semestre de 2023. O setor de fabricação de adubos e fertilizantes também apresentou um saldo positivo relevante no período, de 323 postos formais de trabalho.

No segundo trimestre, o segmento “**dentro da porteira**”, constituído pelas atividades agropecuárias, liderou a perda de postos de trabalho no agronegócio gaúcho (-7.141 postos). Os setores de produção de lavouras permanentes (-3.507 postos) e temporárias (-3.205 postos) foram os principais responsáveis por esse movimento, em decorrência do encerramento da colheita da maçã e de grãos da safra de verão.

No segmento “**depois da porteira**”, composto predominantemente por atividades agroindustriais, a perda de postos de trabalho no agronegócio gaúcho foi de 1.206 postos. Os principais setores responsáveis por esse resultado foram os de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais (-2.149 postos) e de moagem e fabricação de produtos amiláceos (-936 postos). No setor de abate e fabricação de produtos da carne, maior empregador do agronegócio gaúcho, houve criação de 1.117 postos, concentrados no abate de suínos, aves e outros pequenos animais (mais 863 postos).

No Gráfico 8, é apresentada a dinâmica do estoque de empregos formais dos seis maiores empregadores do agronegócio gaúcho, que, somados, representavam, em junho de 2025, 58,8% do estoque total do setor no estado.

Gráfico 8



Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).
Nota: O estoque é estimado através da combinação dos dados do Novo Caged e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).



Na Tabela 1, são apresentadas as informações dos setores que mais criaram e dos que mais perderam postos de trabalho no agronegócio gaúcho, no segundo trimestre de 2025. Dentre os que mais geraram empregos, destacam-se os setores de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários e de abate e fabricação de produtos de carne, ambos com desempenho significativamente superior ao observado no mesmo período de 2024. Em comparação com 2024, esses setores também foram os que mais contribuíram para a melhora do saldo de empregos do segundo trimestre.

No sentido oposto, entre os setores que apresentaram os piores saldos, o de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais gerou 28 empregos a menos em 2025. Os setores que apresentaram os menores saldos mantiveram o padrão negativo em ambos os anos, o que se relaciona, em parte, à sazonalidade típica do agronegócio gaúcho. Já entre os setores com melhor desempenho, todos os que haviam registrado saldos negativos em 2024 passaram a apresentar saldos positivos em 2025, indicando uma recuperação generalizada entre os principais empregadores do segmento. Esse movimento sugere não apenas uma melhora pontual, mas uma possível inflexão na dinâmica recente do mercado de trabalho formal do agronegócio — especialmente quando se considera que, em 2024, o segundo trimestre foi fortemente impactado pelas enchentes que interromperam atividades produtivas em diversas regiões do estado.

Tabela 1

Setores do agronegócio com maior criação e perda de empregos formais celetistas no
Rio Grande do Sul — 2.º trim./2024 e 2.º trim./2025

SETORES	SALDO		DIFERENÇA
	2.º Trim./2024	2.º Trim./2025	
Maiores saldos			
Fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários	-763	1.130	1.893
Abate e fabricação de produtos de carne	98	1.117	1.019
Fabricação de produtos de panificação	249	391	142
Fabricação de adubos e fertilizantes	280	323	43
Fabricação de outros produtos alimentícios	-119	148	267
Fabricação de produtos intermediários de madeira	-103	101	204
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	-74	56	130
Menores saldos			
Produção de lavouras permanentes	-3.511	-3.507	4
Produção de lavouras temporárias	-3.439	-3.205	234
Comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais	-2.771	-2.149	622
Moagem e fabricação de produtos amiláceos	-1.046	-936	110
Apoio a agropecuária e a produção florestal	-1.080	-330	750
Comércio atacadista de insumos agropecuários	-78	-106	-28
TOTAL DO AGRONEGÓCIO	-18.298	-6.908	11.390

Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).

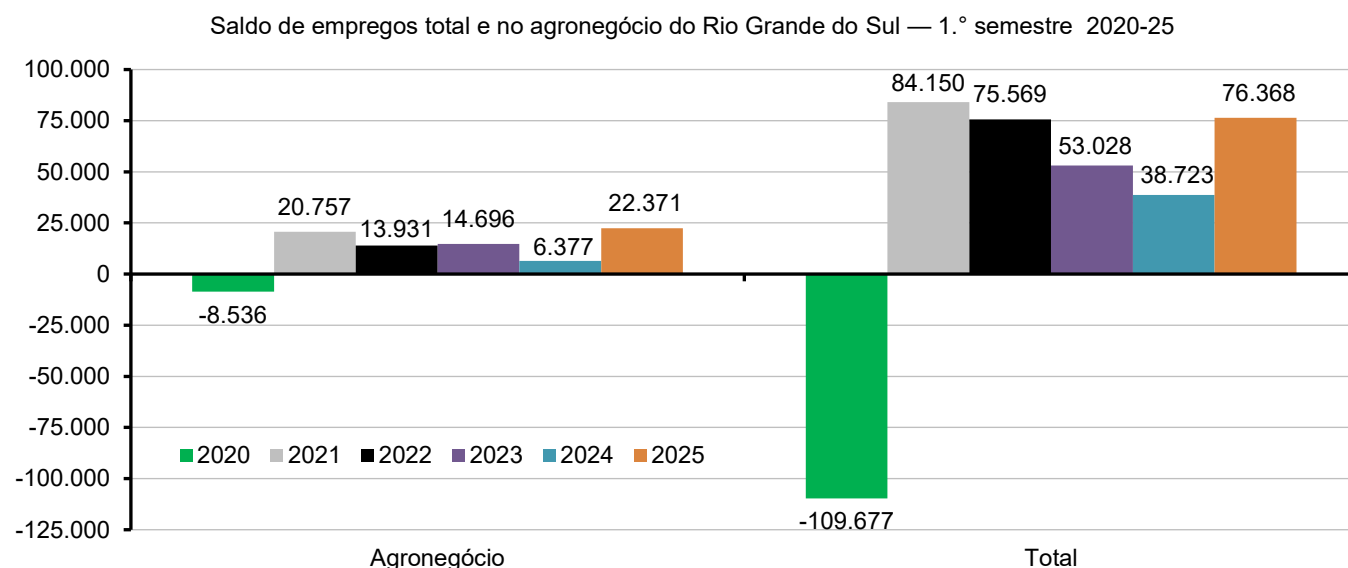
2.2 Emprego formal no primeiro semestre de 2025

No encerramento do primeiro semestre de 2025, havia 404.944 vínculos ativos de emprego com carteira assinada no agronegócio do Rio Grande do Sul. Apesar da perda de empregos no segundo trimestre, o saldo continuou positivo no acumulado do ano. Entre janeiro e junho, o número de admissões (158.334) foi superior ao de desligamentos (135.963), resultando na criação de 22.371 postos de trabalho com carteira assinada no setor. Em igual período do ano anterior, foram criados 6.377 postos de trabalho



no agronegócio gaúcho. No conjunto da economia gaúcha, o saldo também é positivo, tendo sido criados 76.368 postos de trabalho no primeiro semestre. Portanto, no Rio Grande do Sul, em 2025, 29,3% do total de empregos formais foram gerados em atividades típicas do agronegócio.

Gráfico 9



Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).

Na Tabela 2, estão detalhadas as informações dos setores com maior criação e dos com maior perda de postos de trabalho no agronegócio gaúcho, no primeiro semestre de 2025. Como é usual ocorrer no primeiro semestre, seguindo o padrão sazonal, o setor com a maior criação de empregos no agronegócio foi o de fabricação de produtos do fumo (10.298 postos). Concentrado na região do Vale do Rio Pardo, historicamente, esse setor aumenta as contratações temporárias até o final do segundo trimestre, quando se reduz a necessidade de mão de obra para o processamento da matéria-prima agrícola.

O setor com a segunda maior criação de empregos no semestre foi o de abate e fabricação de produtos de carne (4.109 postos). A terceira e a quarta posição em geração de empregos no semestre foram ocupadas pelos setores de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários (2.972 postos) e de produção de lavouras permanentes (2.123 postos). Vale referir que todos esses setores criaram mais empregos em 2025, comparativamente a igual período de 2024. Por outro lado, o setor com maior perda de empregos no semestre foi o de produção de lavouras temporárias (menos 1.227 postos). Na sequência, destacaram-se negativamente os setores de produção de sementes e mudas certificadas (menos 341 postos) e de produção florestal (menos 50 postos).

Em comparação com 2024, os setores que mais contribuíram para a melhora do saldo de empregos foram os de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários, de fabricação de produtos de fumo e de abate e fabricação de produtos de carne. Como referido anteriormente, o setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários, após um período de retração, vem esboçando recuperação desde o primeiro trimestre deste ano. Em 2025, no setor de fabricação de produtos do fumo, o forte aumento da produção de fumo, no Rio Grande do Sul (19,5%), em Santa Catarina (30,3%) e no Paraná (31,4%) provavelmente favoreceu o saldo de empregos no RS, onde se concentra grande



parte do beneficiamento nacional desse produto (IBGE, 2025a). Por último, chama a atenção o desempenho do setor de abate e fabricação de produtos da carne. Entre janeiro e junho de 2025, esse setor registrou saldo positivo de 4.109 postos de trabalho, resultado muito acima do observado no mesmo período de 2024 (mais 202 postos). Em 2024, o desempenho do setor foi limitado pelos efeitos das enchentes de maio. Já em 2025, mesmo com a ocorrência de influenza aviária em maio, as contratações mantiveram-se fortes ao longo de todo o semestre. Como observado anteriormente, as exportações de carne de frango do RS, a despeito dos embargos devido a influenza aviária, mantiveram o mesmo nível de 2024, o que pode ter favorecido o desempenho do emprego formal do setor neste ano. O desempenho desses setores ajuda a explicar a significativa melhora do saldo positivo neste semestre, em comparação com o mesmo período de 2024.

Tabela 2

Setores do agronegócio com maior criação e perda de empregos formais celetistas no
Rio Grande do Sul — 1.º sem./2024 e 1.º sem./2025

SETORES	SALDO		DIFERENÇA
	1.º Sem./2024	1.º Sem./2025	
Maiores saldos			
Fabricação de produtos de fumo	6.284	10.298	4.014
Abate e fabricação de produtos de carne	202	4.109	3.907
Fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários	-1.182	2.972	4.154
Produção de lavouras permanentes	1291	2.123	832
Moagem e fabricação de produtos amiláceos	629	651	22
Apoio a agropecuária e a produção florestal	-171	483	654
Curtimento e preparações de couro	134	477	343
Fabricação de outros produtos alimentícios	19	449	430
Menores saldos			
Produção de lavouras temporárias.....	-1378	-1.227	151
Produção de sementes e mudas certificadas	-437	-341	96
Produção florestal	145	-50	-195
Fabricação de conservas	-608	-23	585
TOTAL DO AGRONEGÓCIO	6.377	22.371	15.994

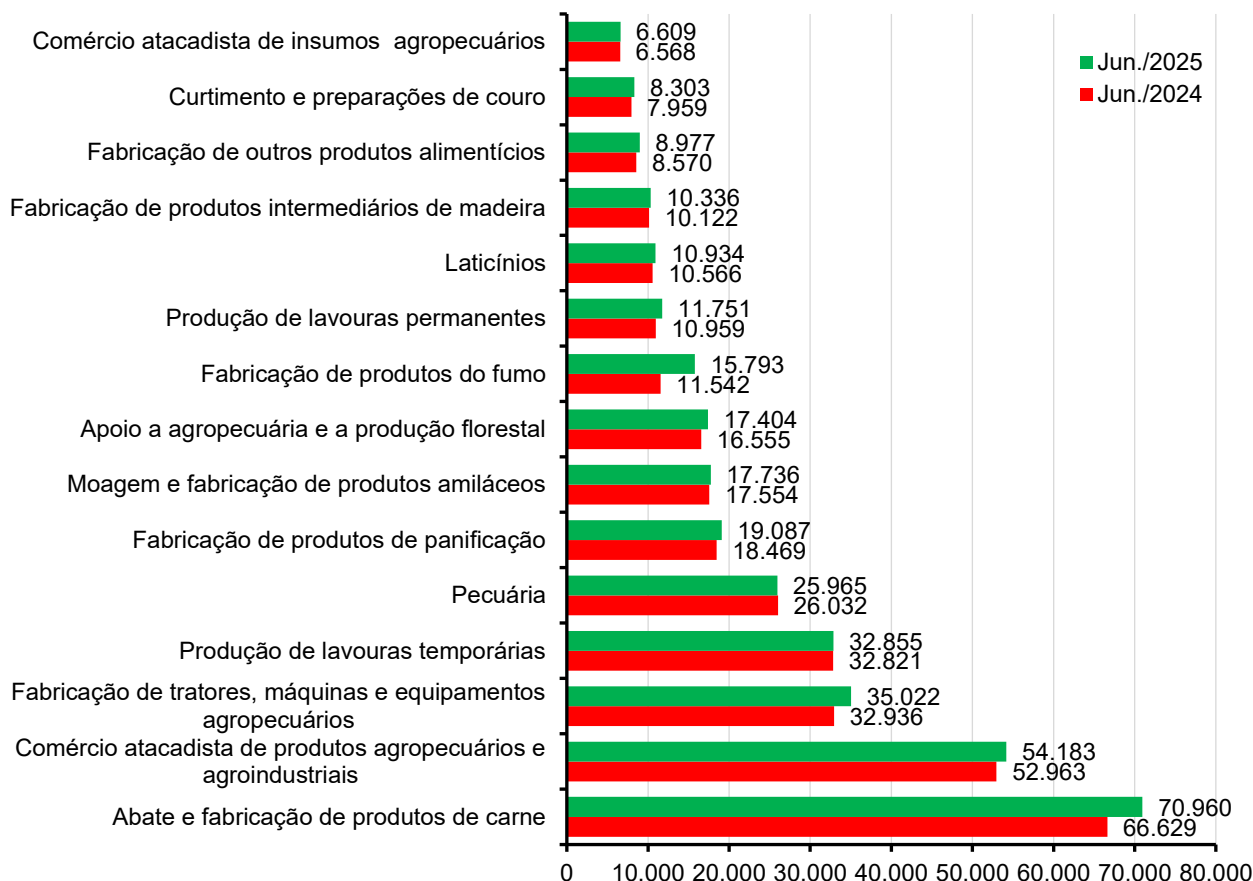
Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).

Ao final do primeiro semestre de 2025, os setores com maior estoque de empregos formais no agronegócio gaúcho eram os de abate e fabricação de produtos de carne, de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais, de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários e de produção de lavouras temporárias. Entre os 15 principais setores empregadores do agronegócio gaúcho, somente o da pecuária registrou saldo negativo de empregos no acumulado dos últimos 12 meses.



Gráfico 11

Estoque de empregos formais celetistas nos principais setores empregadores do agronegócio do Rio Grande do Sul — jun./2024 e jun./2025



Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).

Nota: O estoque é estimado através da combinação das informações do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

O setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários vem registrando sinais consistentes de recuperação em 2025, após sete trimestres consecutivos de retração, iniciados no terceiro trimestre de 2023. Em 2023, o setor perdeu 1.749 vagas, revertendo o forte movimento de contratações observado em 2022, quando o saldo foi positivo em 2.220 empregos. Em 2024, a tendência de redução manteve-se, com a eliminação de 2.068 postos formais. Contudo, desde o primeiro trimestre de 2025, o setor voltou a apresentar resultados positivos na geração de emprego formal, movimento que se repetiu no segundo trimestre. A partir de março de 2025, considerando o saldo acumulado em 12 meses, o indicador voltou a ficar positivo, com a criação de 193 empregos (Gráfico 6). Ao final do segundo trimestre, o saldo acumulado em 12 meses mostrou avanço expressivo, alcançando 2.086 vagas criadas.

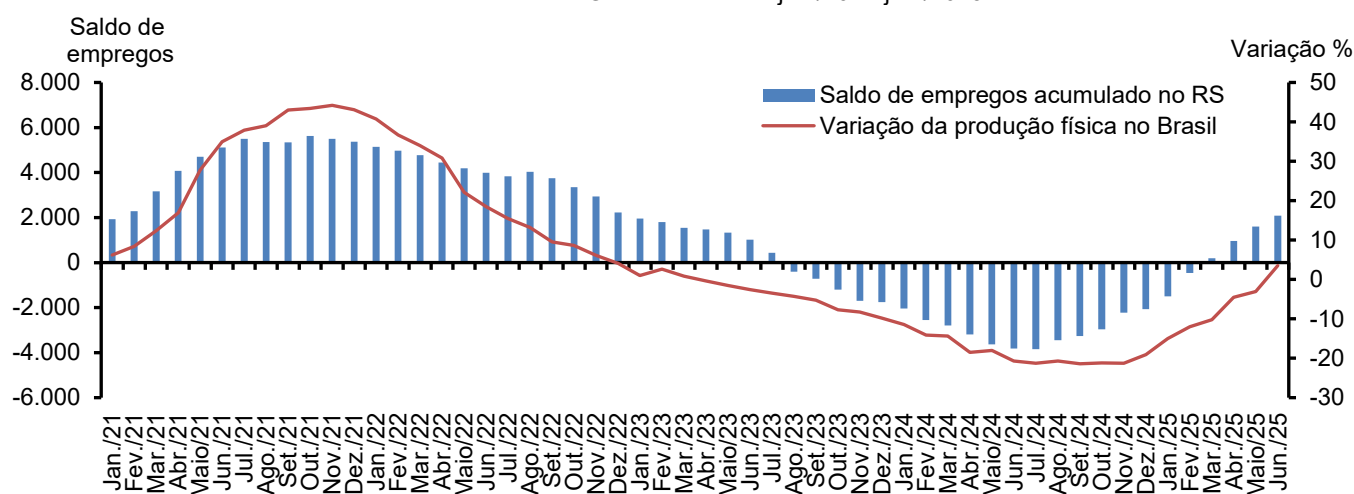
Além disso, os dados de produção física nacional para o setor — no qual o RS tem participação destacada — reforçam que o período mais crítico já foi superado. Segundo a Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (2025b), a produção nacional de máquinas e equipamentos agropecuários acumulou crescimento de 5,8% nos 12 meses encerrados em junho de 2025. Esse resultado contrasta significativamente



com o pior momento do ciclo, quando a produção acumulou uma perda de 21,5% em agosto de 2024. Somados aos sinais de recuperação no saldo de empregos e na produção física, os dados do comércio exterior mostram que o setor de máquinas e implementos agrícolas registrou, no segundo trimestre de 2025, o primeiro crescimento trimestral no valor exportado — em relação ao mesmo período do ano anterior —, após cinco trimestres consecutivos de queda, interrompendo a trajetória negativa observada desde o terceiro trimestre de 2023.

Gráfico 12

Variação da produção física de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários no Brasil e saldo de empregos nesse setor no Rio Grande do Sul — jan./2021-jun./2025



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física-Brasil (IBGE, 2025b).

Ministério do Trabalho e Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2025b).

Nota: 1. Variação percentual da produção física acumulada em 12 meses.

2. Saldo de empregos acumulado em 12 meses.

Referências

DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness**. Boston: Harvard University, 1957.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Previdência. **Tratamentos aplicados nos dados do Novo Caged a partir de ajustes na captação dos dados pelo eSocial**. [Brasília, DF]: Ministério do Trabalho e Previdência, 2021. (Nota Técnica, nov. 2021). Disponível em: https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/estatisticas-trabalho/novo-caged/novo-caged-2023/outubro/nota_tecnica_novo_caged_11-2021.pdf. Acesso em: 9 ago. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Comex Stat**. [Brasília, DF]: MDIC, 2025a. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 9 ago. 2025.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho**. [Brasília, DF]: MTE, 2025b. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/estatisticas-trabalho/novo-caged/2025/julho/pagina-inicial>. Acesso em: 9 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Sistema de Inteligência Gerencial do Comércio Exterior**: Relatório de exportação nacional por país. [Brasília, DF]: MAPA, 2025c. Disponível em: https://sigsif.agricultura.gov.br/sigsif_cons/ap_exportador_nac_pais_rep_net. Acesso em: 20 ago. 2025.



IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática: **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**: julho 2025. [Brasília, DF]: IBGE, 2025a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/lspa/rio-grande-do-sul>. Acesso em: 17 jul. 2025.

IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática: **Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física**: junho 2025. [Brasília, DF]: IBGE, 2025b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/8885>. Acesso em: 9 ago. 2025.

Apêndice

Tabela A.1

Tabela-resumo das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2.º trim./2025

SETORES E GRUPOS DE PRODUTOS	VALOR (US\$ FOB)	PARTICIPAÇÃO %	VARIAÇÃO DO VALOR	
			US\$ FOB	%
Soja	963.827.851	31,4	-513.228.011	-34,7
Soja em grão	565.814.997	18,5	-439.654.310	-43,7
Farelo de soja	306.119.026	10,0	-68.585.294	-18,3
Óleo de soja	91.893.828	3,0	-4.988.407	-5,1
Carnes	620.340.758	20,2	53.881.570	9,5
Carne bovina	99.430.742	3,2	36.778.372	58,7
Carne suína	205.290.370	6,7	59.587.952	40,9
Carne de frango	284.897.581	9,3	-41.836.437	-12,8
Fumo e seus produtos	542.451.892	17,7	25.302.222	4,9
Fumo não manufaturado	479.185.642	15,6	4.966.380	1,0
Produtos florestais	279.311.006	9,1	-114.354.406	-29,0
Celulose	198.623.939	6,5	-104.279.667	-34,4
Cereais, farinhas e preparações	115.617.129	3,8	-69.009.284	-37,4
Trigo	23.137.838	0,8	-27.741.598	-54,5
Milho	256.227	0,0	253.133	8.181,4
Arroz	84.567.703	2,8	-28.755.223	-25,4
Máquinas e implementos agrícolas	104.506.885	3,4	49.200.214	89,0
Tratores agrícolas	57.032.562	1,9	28.220.032	97,9
Colheitadeiras	10.266.767	0,3	2.533.345	32,8
Pulverizadores	23.170.395	0,8	14.258.606	160,0
Couros e peleteria	94.360.897	3,1	-758.417	-0,8
Couros e peles	86.455.951	2,8	-1.876.730	-2,1
Demais setores	345.206.228	11,3	59.457.836	20,8
TOTAL	3.065.622.646	100,0	-509.508.276	-14,3

Fonte dos dados Brutos: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, Secretaria de Comércio Exterior (Brasil, 2025a).

Nota: Elaborado pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão (SPGG).



Tabela A.2

Tabela-resumo das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º sem./2025

SETORES E GRUPOS DE PRODUTOS	VALOR (US\$ FOB)	PARTICIPAÇÃO %	VARIAÇÃO DO VALOR	
			US\$ FOB	%
Soja	1.527.879.621	23,9	-427.381.919	-21,9
Soja em grão	809.041.879	12,7	-335.231.135	-29,3
Farelo de soja	577.099.360	9,0	-103.190.512	-15,2
Óleo de soja	141.738.382	2,2	11.039.728	8,4
Carnes	1.227.464.904	19,2	141.456.637	13,0
Carne bovina	174.602.661	2,7	50.879.130	41,1
Carne suína	358.081.752	5,6	92.752.189	35,0
Carne de frango	625.739.281	9,8	-3.966.156	-0,6
Fumo e seus produtos	1.202.753.342	18,8	73.439.948	6,5
Fumo não manufaturado	1.081.996.213	16,9	36.742.022	3,5
Cereais, farinhas e preparações	742.813.565	11,6	63.666.443	9,4
Trigo	349.241.281	5,5	-72.597.743	-17,2
Milho	185.258.496	2,9	169.341.138	1.063,9
Arroz	184.880.021	2,9	-21.831.271	-10,6
Produtos florestais	629.431.819	9,9	-104.348.122	-14,2
Celulose	465.649.675	7,3	-62.834.431	-11,9
Máquinas e implementos agrícolas	197.694.051	3,1	34.390.074	21,1
Tratores agrícolas	98.457.177	1,5	31.018.511	46,0
Colheitadeiras	32.929.814	0,5	-12.806.578	-28,0
Pulverizadores	42.360.727	0,7	16.176.147	61,8
Couros e peleteria	183.262.702	2,9	-1.522.777	-0,8
Couros e peles	168.862.941	2,6	-3.586.547	-2,1
Demais setores	673.478.820	10,5	88.717.402	15,2
TOTAL	6.384.778.824	100,0	-131.582.314	-2,0

Fonte dos dados Brutos: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, Secretaria de Comércio Exterior (Brasil, 2025a).

Nota: Elaborado pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão (SPGG).



Tabela A.3

Tabela-resumo das exportações totais e para os Estados Unidos do agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º sem./2025

SUBGRUPOS DE PRODUTOS	EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO GAÚCHO				EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO GAÚCHO PARA OS ESTADOS UNIDOS			
	Valor (US\$ FOB)	Participação %	Variação do Valor		Valor (US\$ FOB)	Participação %	Variação do Valor	
			US\$ FOB	%			US\$ FOB	%
Fumo não manufaturado ...	1.081.996.213	16,9	36.742.022	3,5	118.324.072	10,9	-1.514.441	-1,3
Madeiras em bruto e manufaturas de madeira	145.559.854	2,3	-44.021.174	-23,2	63.514.808	43,6	8.931.168	16,4
Celulose	465.649.675	7,3	-62.834.431	-11,9	61.956.385	13,3	-14.152.030	-18,6
Carne bovina	174.602.661	2,7	50.879.130	41,1	51.704.818	29,6	33.066.181	177,4
Tratores agrícolas	98.457.177	1,5	31.018.511	46,0	18.737.558	19,0	358.106	1,9
Couros e peles	168.862.941	2,6	-3.586.547	-2,1	17.085.761	10,1	1.082.686	6,8
Sebo bovino	17.175.070	0,3	-112.378	-0,7	16.453.021	95,8	-341.047	-2,0
Outros produtos de origem animal	16.274.284	0,3	6.139.832	60,6	13.400.640	82,3	5.353.821	66,5
Produtos de confeitaria	31.877.264	0,5	3.425.501	12,0	8.658.709	27,2	2.039.952	30,8
Peleteria	14.399.761	0,2	2.063.770	16,7	7.453.113	51,8	436.857	6,2
Cereais (exclui produtos para semeadura)	719.847.242	11,3	75.080.213	11,6	7.435.557	1,0	-494.968	-6,2
Outras gorduras e óleos de origem animal	8.179.934	0,1	3.452.654	73,0	5.985.396	73,2	3.483.518	139,2
Papel e produtos intermediários de papel	18.181.396	0,3	2.507.342	16,0	4.745.919	26,1	194.187	4,3
Demais máquinas e equipamentos agropecuários ...	8.397.048	0,1	-3.487.196	-29,3	2.923.290	34,8	-1.704.959	-36,8
Partes, peças e componentes de máquinas e equipamentos agropecuários	50.571.910	0,8	17.373.765	52,3	2.757.670	5,5	-96.816	-3,4
Fumo manufaturado	79.349.191	1,2	29.776.655	60,1	2.636.732	3,3	1.105.145	72,2
Pulverizadores	42.360.727	0,7	16.176.147	61,8	2.414.600	5,7	1.027.643	74,1
Preparações a base de cereais	22.334.104	0,3	-11.674.327	-34,3	2.160.166	9,7	-985.445	-31,3
Produtos diversos da indústria química, de origem vegetal	17.372.832	0,3	-38.812	-0,2	1.946.155	11,2	1.269.834	187,8
Demais produtos	3.203.329.540	50,2	-280.462.991	-8,1	16.318.282	0,5	-4.659.410	-22,2
Total geral	6.384.778.824	100,0	-131.582.314	-2,0	426.612.652	6,7	34.399.982	8,8

Fonte dos dados Brutos: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, Secretaria de Comércio Exterior (Brasil, 2025a).

Nota: Elaborado pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão (SPGG).

